

Kairós Palestina

A hora da verdade: do centro do sofrimento palestino, uma mensagem de fé, esperança e amor

Introdução

Nós formamos um grupo de palestinos cristãos que divulga hoje nosso clamor, depois de orar, refletir e discutir sobre o sofrimento que experimentamos em nossa terra, sob ocupação israelense. É um clamor de esperança em meio a total desespero, mas que está conectado à nossa oração e fé em Deus, que na sua divina providência, zela por todos os moradores desta terra.

Como cristãos e palestinos, deixamos hoje nossa mensagem – uma mensagem de fé, esperança e amor. Para isso, fomos inspirados pelo mistério do amor de Deus por todos e pelo mistério da presença divina na história das nações, em especial na história de nosso povo.

Por que agora?

Porque a tragédia do povo palestino chegou, neste momento, a um beco sem saída. As pessoas com o poder de decidir se contentam em gerenciar a crise em vez de se dedicar à séria tarefa de solucioná-la. Isso enche o coração dos fiéis com dor e dúvidas: o que tem feito a comunidade internacional? E os líderes políticos na Palestina, em Israel e no mundo árabe? E a Igreja? Não se trata apenas de uma questão política; é, sobretudo, uma política que destrói os seres humanos. A Igreja deve se preocupar com isso.

Dirigimo-nos aos irmãos e irmãs, membros das igrejas desta terra. Também nos dirigimos, como cristãos e também palestinos, aos nossos líderes religiosos e políticos, à nossa sociedade palestina e à israelense, à comunidade internacional, e aos nossos irmãos e irmãs das igrejas em todo o mundo.

I. A realidade

I.1 *“Curam superficialmente a ferida do meu povo, dizendo: Paz, paz; quando não há paz”* (Jr 6.14). Todos falam hoje sobre paz e processo de paz no Oriente Médio. Até agora, entretanto, não passa de palavras, ao passo que a realidade é a ocupação israelense do território palestino, a supressão da liberdade, e tudo o que resulta dessa situação:

1.1.1 O muro de segregação, que foi construído em terras palestinas, confiscando grande parte das mesmas para esse propósito. Cidades e vilas ficaram dispersas e divididas, e foram transformadas em prisões. Gaza, depois da guerra cruel que Israel promoveu entre dezembro de 2008 e janeiro de 2009, continua em condições desumanas, sob constante bloqueio e isolada geograficamente dos demais territórios palestinos.

1.1.2 Os assentamentos israelenses – que saqueiam nossa terra em nome de Deus e em nome da força – controlam nossos recursos naturais, incluindo água e terras agrícolas, privando milhares de palestinos. Eles ainda configuram um obstáculo a qualquer solução política.

1.1.3 A humilhação à qual somos submetidos diariamente nos postos de controle militares, quando nos dirigimos ao nosso trabalho, escola ou hospital.

1.1.4 As famílias separadas, o que torna a vida impossível para milhares de palestinos, em especial nas famílias em que um dos cônjuges não tem a carteira de identidade emitida por Israel.

1.1.5 A própria liberdade religiosa, ou seja, o livre acesso a lugares sagrados, é limitada sob o pretexto da segurança. Jerusalém e seus locais santos estão fechados a muitos cristãos e muçulmanos tanto da Cisjordânia como da Faixa de Gaza. Até moradores de Jerusalém sofrem restrição durante as festas religiosas. Alguns clérigos cristãos árabes não entram em Jerusalém com facilidade.

1.1.6 Refugiados também fazem parte de nossa realidade. A maioria deles ainda vive em acampamentos, em circunstâncias difíceis. Por gerações, eles têm esperado o direito de retornar para suas terras. Qual será seu destino?

1.1.7 Os milhares de presos que definham em cadeias israelenses fazem parte de nossa realidade. Israel move céus e terra para obter a liberdade de apenas um preso seu. Mas, e os milhares de presos palestinos, quando serão libertados?

1.1.8 Jerusalém é o centro de nossa realidade. É, ao mesmo tempo, símbolo de paz e conflito. Depois que “o muro” isolou os bairros palestinos na cidade, as autoridades continuam a despejar os cidadãos palestinos que vivem lá, sejam eles cristãos ou muçulmanos. Suas carteiras de identidade são confiscadas, o que lhes tira o direito de residir em Jerusalém. Eles são desapropriados ou têm suas casas demolidas. Jerusalém, cidade de reconciliação, se tornou cidade de discriminação e exclusão, razão de luta em vez de paz.

1.2 O desrespeito às resoluções internacionais, por parte das autoridades israelenses, também faz parte de nossa realidade. Da mesma forma, sofremos com o torpor do mundo árabe e da comunidade internacional perante tamanho desprezo. Violam-se direitos humanos. A injustiça continua, a despeito de diversos relatos apresentados por locais e organizações internacionais de direitos humanos.

1.2.1 Os palestinos que vivem no Estado de Israel, mesmo sendo cidadãos com direitos e obrigações, sofrem injustiça histórica com políticas discriminatórias. Eles esperam receber seus direitos e serem tratados com igualdade, como os demais cidadãos do Estado.

1.3 A emigração é outra dimensão de nossa realidade. A falta de qualquer perspectiva ou esperança de paz e liberdade impulsiona jovens muçulmanos e cristãos a emigrar. Assim, a terra perde seu recurso mais importante e rico: a juventude educada. A diminuição da comunidade cristã na Palestina é uma consequência grave. Ela é gerada tanto pelo conflito como pelo fracasso local e internacional em encontrar uma solução abrangente ao problema.

1.4 Em face dessa realidade, Israel justifica suas ações como legítima defesa, e é por isso que a ocupação continua. Também prosseguem a punição coletiva e toda forma de represália contra os palestinos. Em nossa opinião, essa é uma visão distorcida da realidade. Sim, há resistência palestina à ocupação. Entretanto, se não houvesse ocupação, não haveria resistência, tampouco medo ou insegurança. É assim que compreendemos a situação. Portanto, pedimos a Israel que acabe com a ocupação. Então verão um novo mundo no qual não haverá medo nem ameaça, mas segurança, justiça e paz.

1.5 Há diversas respostas palestinas a essa realidade. Algumas foram dadas por meio de negociações – a posição oficial da Autoridade Palestina, mas que não trouxe avanço no processo de paz. Alguns partidos políticos optaram pela resistência armada. Israel usou isso como pretexto para acusar os palestinos de serem terroristas. Desta feita, distorceu a natureza real do conflito, apresentando-o como uma guerra de Israel contra o terrorismo, em vez de uma resistência palestina à ocupação, com o objetivo de extingui-la.

1.5.1 A tragédia piorou com os conflitos entre os próprios palestinos, e com o isolamento de Gaza do restante do território palestino. É importante notar que embora seja uma divisão entre palestinos, a comunidade internacional tem grande parcela de responsabilidade, uma vez que recusou a lidar positivamente com a vontade expressa pelos palestinos nas eleições legais e democráticas de 2006.

Mais uma vez, repetimos e proclamamos que nossa resposta cristã em meio a tudo isso, em meio à nossa catástrofe, é uma palavra de fé, esperança e amor.

2. Uma palavra de fé

Cremos em um Deus único, bom e justo

2.1 Cremos em Deus, único, Criador do universo e da humanidade. Cremos em um Deus bom e justo, que ama cada uma de suas criaturas. Cremos que todo ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus. A dignidade humana deriva da dignidade do Todo-Poderoso, e é a mesma em cada um e em todos nós. Para nós, que vivemos aqui e agora nesta terra, isso quer dizer que Deus não nos criou para lutarmos e matarmos uns aos outros, mas para nos conhecermos e amarmos e, juntos, construirmos a terra em amor e respeito mútuo.

2.1.1 Cremos no Verbo Eterno, seu único Filho, o Senhor Jesus Cristo, enviado como Salvador do mundo.

2.1.2 cremos no Espírito Santo, que acompanha a Igreja e toda a humanidade em sua jornada. É o Espírito que nos ajuda a compreender as Santas Escrituras, tanto o Antigo como o Novo Testamento, mostrando aqui e a agora a unidade entre eles. O Espírito torna manifesta a revelação de Deus à humanidade no passado, presente e futuro.

Como compreendemos a Palavra de Deus?

2.2 cremos que Deus tem falado à humanidade aqui em nossa terra: *“Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo”* (Hb 1.1-2).

2.2.1 Nós, cristãos palestinos, cremos, como todos os cristãos pelo mundo, que Jesus Cristo veio a fim de cumprir a Lei e os Profetas. Ele é o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim. Iluminados por Ele, e guiados pelo Espírito Santo, lemos as Santas Escrituras e meditamos nelas, interpretando-as como fez Jesus Cristo com seus dois discípulos a caminho de Emaús. Como foi escrito no Evangelho segundo São Lucas: *“E, começando por Moisés, percorrendo por todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras”* (Lc 24.27).

2.2.2 Nosso Senhor Jesus Cristo veio proclamar que o Reino de Deus estava próximo. Ele revolucionou a vida e a fé de toda a humanidade. Veio com *“uma nova doutrina”* (Mc 1.27), lançando nova luz sobre o Antigo Testamento em temas relacionados à fé cristã e à vida cotidiana; temas como as promessas de Deus, a eleição, o povo de Deus e a terra. cremos que a Palavra de Deus é viva e ilumina de forma particular cada período da História. Ela manifesta aos crentes o que Deus diz hoje, e não só no passado. Por essa razão, é inaceitável transformar a Palavra de Deus em letras mortas, o que perverte o amor e a providência de Deus na vida de povos e indivíduos. É esse o erro da interpretação bíblica fundamentalista. Ela gera morte e destruição ao petrificar a Palavra de Deus, transmitindo apenas a letra, e não o espírito, por gerações. Essa palavra distorcida tem sido usada como arma na história atual, com o fim de nos privar dos direitos em nossa terra.

Nossa terra tem uma missão universal

2.3 cremos que nossa terra tem uma missão universal. Nessa universalidade, o significado das promessas, da terra, da eleição, do povo de Deus se abre para incluir toda a humanidade, principiando pelos povos daqui. À luz dos ensinamentos da Bíblia Sagrada, a promessa da terra nunca foi um programa político. Foi, antes, um prelúdio à salvação universal. Foi o princípio da concretização do Reino de Deus no mundo.

2.3.1 Deus enviou os patriarcas, os profetas e os apóstolos a esta terra como portadores de uma mensagem universal ao mundo. Hoje há três religiões aqui: judaísmo, cristianismo e islamismo. Nossa terra é de Deus como todos os países do mundo. Ela é santa por causa da presença de Deus nela, pois só Ele é santo e santificador. Nós que vivemos aqui temos o dever de respeitar a vontade de Deus para esta terra. É nossa obrigação libertá-la do mal da injustiça e da guerra. Esta é a terra de Deus e, portanto, deve ser lugar de reconciliação, paz e amor. De fato, isso é possível. Deus nos colocou aqui como dois povos diferentes, e Ele nos capacita, se tivermos o desejo, a convivermos e estabelecermos na terra a justiça e paz, tornando-a, na

realidade, a terra de Deus: “Ao Senhor pertence a terra e tudo o que nela se contém, o mundo e os que nele habitam” (Sl 24.1).

2.3.2 Nossa presença nesta terra, como palestinos cristãos e muçulmanos, não é acidental. Está, antes, profundamente enraizada na história e geografia, assim como acontece com qualquer outra nação. Foi injusto quando fomos removidos. O Ocidente busca reparar o que os judeus sofreram nos países europeus, mas a justiça é feita às nossas custas e à custa da nossa terra. Tentaram corrigir uma injustiça e o resultado foi uma nova injustiça.

2.3.3 Ademais, vemos certos teólogos no Ocidente tentando dar legitimidade bíblica e teológica à violação dos nossos direitos. A interpretação deles transformou as promessas em ameaça à nossa existência. As “boas novas” do evangelho viraram “arautos de morte”. Pedimos a tais teólogos que aprofundem sua reflexão na Palavra de Deus e retifiquem sua interpretação, a fim de verem a Palavra de Deus como um manancial de vida para todos os povos.

2.3.4 Nossa ligação a esta terra é uma questão existencial. Não se trata apenas de uma questão ideológica ou teológica. É questão de vida ou morte. Há quem discorde de nós, e nos defina mesmo como inimigos apenas por declararmos que queremos viver livres em nossa terra. Como palestinos, sofremos com a ocupação de nossa terra. Como cristãos, sofremos com a má interpretação de alguns teólogos. Em vista disso, nossa tarefa é salvaguardar a Palavra de Deus — fonte de vida e não de morte —, e conservar as “boas novas” como são: “boas novas” para nós e para todos. Perante aqueles que usam a Bíblia para ameaçar nossa existência como palestinos cristãos e muçulmanos, renovamos nossa fé na mesma Bíblia, porque sabemos que a Palavra de Deus não pode ser fonte de destruição.

2.4 Portanto, declaramos que qualquer uso da Bíblia para legitimar ou apoiar posições políticas baseadas na injustiça, imposta por qualquer pessoa, transforma a religião em ideologia humana, e despe a Palavra de Deus de sua santidade, universalidade e verdade.

2.5 Por essa razão, também declaramos que a ocupação israelense do território palestino é um pecado contra Deus e contra a humanidade, pois priva os palestinos dos direitos humanos básicos outorgados por Deus. A ocupação também distorce a imagem de Deus no israelense que se tornou ocupante, da mesma forma que a distorce no palestino que vive sob ocupação. Declaramos que qualquer teologia que pretenda justificar a ocupação baseando-se na Bíblia, na fé ou na história está distante dos ensinamentos cristãos. Entendemos assim porque a ocupação apela à violência e guerra santa em nome do Deus Todo Poderoso. Ela subordina Deus aos interesses humanos transitórios, e distorce a imagem divina no seres humanos submetidos à injustiça política e teológica.

3. A esperança

3.1 Apesar da falta de sombra de boas expectativas, nossa esperança permanece firme. A atual situação não prevê uma solução rápida ou o fim da ocupação que nos é imposta. Sim, as iniciativas, conferências, visitas e negociações têm-se multiplicado, mas não têm sido seguidas de mudança na nossa situação e sofrimento. Mesmo a nova posição dos EUA, anunciada pelo presidente Obama e seu desejo manifesto de acabar com a tragédia não têm mudado nada em

nossa realidade. A resposta clara de Israel, recusando qualquer solução, não dá lugar a boas expectativas. Apesar disso, nossa esperança permanece firme porque ela vem de Deus. Ele é bom, onipotente e amoroso, e sua bondade um dia triunfará sobre o mal no qual nos encontramos. Como disse São Paulo: “Se Deus é por nós, quem será contra nós? (...) Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada? Como está escrito: Por amor de ti, somos entregues à morte o dia todo (...). Porque eu estou bem certo de que (...) nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus” (Rm 8.31, 35, 36, 39).

Qual o significado da esperança?

3.2 Esperança em nós significa, antes de tudo, fé em Deus e, em segundo lugar, expectativa de um futuro melhor, a despeito de tudo. Em terceiro lugar, significa não correr atrás de ilusões — sabemos que a solução não está ao alcance. Esperança é a capacidade de enxergar Deus em meio à tribulação, e de cooperarmos com o Espírito Santo em nós. É dessa visão que provém nossa força para perseverar, permanecer firme e trabalhar para mudar a realidade na qual nos encontramos. Esperança significa não se render ao mal, dizer não à ele, e continuar resistindo. Não vemos nada no presente ou no futuro além de ruína e destruição. Vemos a tirania do mais forte, sua vontade crescente de aprofundar a separação racial e impor leis que neguem nossa existência e dignidade. Vemos confusão e divisão entre os palestinos. Se apesar de tudo isso, resistirmos hoje a essa realidade e trabalharmos duro, talvez a destruição que se levanta no horizonte não se abaterá sobre nós.

Sinais de esperança

3.3 A Igreja em nossa terra, seus líderes e fiéis, mostram sinais de esperança apesar de sua fraqueza e divisão. Nossas comunidades são vibrantes e a maioria de nossos jovens são mensageiros ativos da justiça e da paz. Além do compromisso individual, várias instituições eclesiais fazem com que a presença cristã seja viva, em serviço, oração e amor.

3.3.1 Entre os sinais de esperança encontram-se nossos centros de teologia, providos de caráter religioso e social. Eles estão espalhados entre as diferentes igrejas. O espírito ecumênico, ainda que hesitante, se revela cada vez mais nas reuniões de diferentes famílias de igrejas.

3.3.2 Os numerosos encontros para o diálogo inter-religioso dão outro sinal de esperança. Há o diálogo islâmico-cristão, que inclui lideranças religiosas e parte da população. Admite-se que o diálogo é um processo longo que se aperfeiçoa diariamente, à medida que suportamos os mesmos sofrimentos e compartilhamos as mesmas expectativas. Existe também o diálogo entre as três religiões — judaísmo, cristianismo e islamismo —, bem como diferentes encontros nas esferas acadêmica e social. Todos tentam encurtar a distância imposta pela ocupação e se opõem à percepção distorcida dos seres humanos no coração de seus irmãos e irmãs.

3.3.3 Um dos mais importantes sinais de esperança que deve-se mencionar é a constância das gerações que creem na justiça de sua causa, mantendo viva na memória a "nakba"¹ e seu

¹ *Nakba* é o termo árabe para *catástrofe*, e é como ficou conhecida entre os palestinos a criação do Estado de Israel, em 15 de maio de 1948.

significado. Muitas igrejas em todo o mundo têm adquirido consciência sobre a situação, desejando conhecer a verdade sobre o que se passa aqui.

3.3.4 Além disso, vemos em muitos a determinação de superar os ressentimentos do passado. Estão prontos para a reconciliação assim que a justiça for restaurada. Tem crescido o apoio ao estabelecimento dos direitos políticos dos palestinos. Vozes judaicas e israelenses têm se levantado para defender a paz e a justiça, com a aprovação da comunidade internacional. É verdade que os que estão a favor da justiça e reconciliação ainda não têm sido capazes de transformar a situação de injustiça. Mas representam, sem dúvida, uma força humana que tem sua importância e pode abreviar o tempo de sofrimento, apressando a chegada da reconciliação.

A missão da Igreja

3.4 Nossa Igreja é uma Igreja de pessoas que oram e servem. Essa oração e esse serviço são proféticos, carregando consigo a voz de Deus para o presente e o futuro. Tudo que acontece à nossa terra e a todos que aqui moram, toda dor e esperança, toda injustiça e todos os esforços feitos para contê-la — tudo é parte das orações de nossa Igreja e do serviço realizado por todas as suas instituições. Graças a Deus, nossa Igreja eleva sua voz contra a injustiça, a despeito de alguns desejarem que ela permaneça em silêncio, alienada em suas devoções.

3.4.1 A missão da Igreja é profética, proclamando a Palavra de Deus de forma corajosa, honesta e amorosa, dentro do contexto local e dos eventos cotidianos. Se ela toma um lado, é o do oprimido. Ela se coloca junto a ele, assim como Jesus esteve ao lado do pobre e do pecador, chamando-os ao arrependimento, à vida e à restauração da dignidade concedida por Deus, a qual ninguém tem o direito de roubar.

3.4.2 A missão da Igreja é proclamar o Reino de Deus, um reino de justiça, paz e dignidade. Nossa vocação como Igreja viva é ser testemunha da bondade de Deus e da dignidade dos seres humanos. Somos chamados a orar e a fazer ouvir nossa voz ao anunciarmos uma nova sociedade, na qual os seres humanos creem em sua própria dignidade, assim como na dignidade de seus adversários.

3.4.3 Nossa Igreja aponta para o Reino, que não pode ser vinculado a nenhum reino terreno. Jesus disse perante Pilatos que ele era rei de fato, mas que *“O meu reino não é deste mundo”* (Jo 18.36). São Paulo diz: *“O reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo”* (Rm 14.17). Sendo assim, a religião não pode favorecer nem apoiar nenhum regime político injusto, mas deve promover justiça, verdade e dignidade humana. Ela deve fazer tudo o que estiver ao seu alcance para purificar os regimes em que os seres humanos sofrem injustiça e nos quais a dignidade humana é violada. O Reino de Deus na terra não depende de uma orientação política, pois ele é maior e mais inclusivo do que qualquer sistema político em particular.

3.4.4 Jesus Cristo disse: *“O Reino de Deus está dentro de vós”* (Lc 17.21). Este Reino que está dentro de nós é a extensão do mistério da salvação. É a presença de Deus entre nós e o senso dessa presença em tudo que fazemos e falamos. É nessa presença divina que devemos fazer o que pudermos até que alcancemos a justiça nesta terra.

3.4.5 A cruel situação em que a Igreja palestina tem vivido e continua a viver requer dela clareza de fé e melhor delineamento de sua vocação. Temos estudado nossa vocação e a conhecemos melhor em meio ao sofrimento e à dor: hoje portamos a força do amor em vez da força da vingança, uma cultura de vida em vez de morte. Essa é uma fonte de esperança para nós, para a Igreja e para o mundo.

3.5 A ressurreição é a fonte de nossa esperança. Assim como Cristo se levantou em vitória sobre a morte e o mal, então nós também somos capazes, assim como cada habitante dessa terra o é, de derrotar o mal da guerra. Permaneceremos uma Igreja que testemunha, perseverante e ativa na terra da ressurreição.

4. Amor

O mandamento do amor

4.1 Cristo, nosso Senhor, disse: *"Assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros"* (Jo 13.34). Ele já nos mostrou como amar e tratar nossos inimigos. Ele disse: *"Ouvistes o que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque ele faz nascer o seu sol, sobre justos e injustos (...) Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste"* (Mt 5.43-45, 48). São Paulo também disse: *"Não torneis a ninguém mal por mal"* (Rm 12.17). E São Pedro disse: *"Não pagando mal por mal ou injúria por injúria; antes, pelo contrário, bendizendo, pois para isto mesmo fostes chamados"* (1 Pe 3.9).

Resistência

4.2 Essa palavra é clara. Amar é mandamento de Cristo, nosso Senhor, para nós e inclui tanto amigos como inimigos. Isso deve estar claro quando nos encontramos em circunstâncias nas quais devemos resistir ao mal, seja de qual natureza for.

4.2.1 Amar é ver a face de Deus em cada ser humano. Cada pessoa é meu irmão ou minha irmã. Entretanto, ver a face de Deus em todos não significa aceitar o mal ou a agressão que realizam. Ao invés disso, o amor procura corrigir o mal e parar a agressão.

A injustiça contra o povo palestino, a saber a ocupação israelense é um mal ao qual se deve resistir. É um mal e um pecado que devem ser confrontados e removidos. A responsabilidade primária quanto a isso repousa sobre os próprios palestinos que sofrem a ocupação. O amor cristão nos convida à resisti-la. No entanto, o amor dá fim ao mal ao trilhar os caminhos da justiça. A responsabilidade também recai sobre a comunidade internacional, pois a lei internacional rege as relações entre os povos hoje. A responsabilidade final recai sobre os perpetradores da injustiça – eles devem se libertar de seu mal e da injustiça que impuseram sobre outros.

4.2.2 Quando revemos a história das nações, encontramos muitas guerras e bastante resistência à guerra por meio da guerra; à violência por meio da violência. O povo palestino tem seguido o caminho das demais nações, particularmente nos primeiros passos de sua luta contra a

ocupação israelense. Entretanto, ele também se engajou na luta pacífica, em especial durante a primeira intifada. Reconhecemos que todos os povos devem encontrar novos caminhos de se inter-relacionarem e chegarem a uma resolução para seus conflitos. O caminho da força deve ceder espaço ao caminho da justiça. Isso se aplica, sobretudo, aos povos militarmente fortes, poderosos o suficiente para impor sua injustiça aos mais fracos.

4.2.3 Afirmamos que nossa opção, como cristãos, em face à ocupação israelense, é resistir. A resistência é um direito e um dever para o cristão. Mas é resistência com amor como sua lógica. É, portanto, uma resistência criativa, pois deve encontrar formas humanas de despertar a humanidade do inimigo. Ver a imagem de Deus no rosto do inimigo significa assumir posição de resistência à luz dessa visão de resistência ativa a fim de deter a injustiça e obrigar o perpetrador a parar com sua agressão. Assim, se alcança o objetivo desejado, que é o retorno à terra, a liberdade, a dignidade e a independência.

4.2.4 Cristo deixou um exemplo que devemos imitar. Devemos resistir ao mal, mas ele nos ensinou que não podemos resistir ao mal com o próprio mal. Esse é um mandamento difícil, especialmente quando nosso inimigo está determinado a se impor e a negar nosso direito de permanecer aqui em nossa terra. É um mandamento difícil, mas é um mandamento. Além disso, é o único que pode permanecer firme perante as claras declarações das autoridades israelenses que negam nossa existência, e às muitas desculpas que usam para continuar com a ocupação.

4.2.5 Resistir ao mal da ocupação está, então, integrado ao amor cristão que rejeita o mal e o corrige. Ele resiste ao mal em todas as suas formas, com métodos que fazem parte da lógica do amor, e direciona todas as energias na construção da paz. Podemos resistir por meio da desobediência civil. Não resistimos com a morte, mas sim com o respeito à vida. Respeitamos e temos em alta estima todos aqueles que têm dado sua vida por nossa nação. Afirmamos que todo cidadão deve estar pronto a defender sua vida, liberdade e terra.

4.2.6 Organizações civis palestinas, bem como organizações internacionais, ONGs e certas instituições religiosas convocam indivíduos, empresas e estados a bloquearem investimentos e realizarem um boicote econômico e comercial a tudo produzido pela ocupação. Entendemos que isso integra a lógica da resistência pacífica. Essas campanhas pelos direitos humanos devem ser realizadas com coragem, aberta e sinceramente, proclamando que não procura vingança, mas sim o fim do mal existente, libertando tanto o perpetrador como as vítimas da injustiça. O alvo é libertar os dois povos das posições extremistas assumidas por diferentes governos israelenses, trazendo tanto justiça como reconciliação. Neste espírito e com essa dedicação alcançaremos, por fim, a tão sonhada solução de nossos problemas. Foi assim que aconteceu na África do Sul e com outros movimentos pela liberdade no mundo.

4.3 Através de nosso amor, superaremos injustiças e lançaremos as bases de uma nova sociedade para nós e nossos opositores. Nosso futuro e o deles são um só. Ou o ciclo de violência destruirá ambos ou a paz beneficiará ambos. Conclamamos Israel a desistir da injustiça contra nós, a não distorcer a verdade, dizendo que a ocupação é uma batalha contra o terrorismo. As raízes do "terrorismo" estão na injustiça humana cometida e no mal da ocupação. Ambos devem ser removidos se houver sincera intenção de se acabar com o "terrorismo". Convidamos o povo de Israel a ser nosso parceiro na paz e não no ciclo interminável de violência. Resistamos juntos ao mal da ocupação e ao ciclo infernal da violência.

5. Mensagens

Mensagem a nossos irmãos na fé

5.1 Todos nos deparamos hoje com uma estrada bloqueada e um futuro que só promete angústias. Nossa palavra a nossos irmãos cristãos é de esperança, paciência, perseverança e novas ações para um futuro melhor. Nossa palavra é que, como cristãos, carregamos uma mensagem e continuaremos a carregá-la a despeito dos espinhos, do sangue e da dificuldade cotidiana. Colocamos nossa esperança em Deus, que nos dará alívio em seu próprio tempo. Enquanto isso, continuamos a agir de acordo com Deus e sua vontade, construindo, resistindo ao mal e aproximando o dia de justiça e paz.

5.2 Dizemos aos nossos irmãos e irmãs em Cristo: É tempo de arrependimento. O arrependimento nos leva de volta à comunhão do amor com todos os que sofrem: os presos, os feridos, os afligidos por deficiências temporárias ou permanentes, as crianças que não podem desfrutar de sua infância, os que perderam um ente querido. A comunhão do amor diz a cada crente em espírito e em verdade: se meu irmão está preso, eu estou preso; se a casa dele está destruída, minha casa está destruída; se meu irmão é morto, então eu também sou morto. Enfrentamos os mesmos desafios e compartilhamos tudo o que acontece e que irá acontecer. Talvez, como indivíduos ou líderes eclesiais, ficamos em silêncio quando deveríamos ter erguido nossa voz para condenar a injustiça e participar do sofrimento. É tempo de nos arrependermos de nosso silêncio, indiferença, falta de comunhão — seja porque não perseveramos em nossa missão nesta terra, abandonando-a; seja porque não pensamos e agimos o suficiente em busca de uma visão nova e integrada, permanecendo divididos, contradizendo nosso testemunho e enfraquecendo nossa palavra. Arrependimento por nos importarmos com nossas próprias instituições, às vezes à custa de nossa missão, silenciando assim a voz profética dada às igrejas pelo Espírito.

5.3 Convocamos os cristãos a perseverarem nessa época de provações, assim como nós temos feito por séculos através da sucessão de Estados e governos. Sejam pacientes, perseverantes e cheios de esperança para que encham também com esperança o coração de cada irmão e irmã que passa pela mesma provação. “*Estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós*” (1 Pe 3.15). Sejam ativos e participem de qualquer sacrifício que a resistência requerer, desde que em conformidade com o amor, a fim de superar nossa atual labuta.

5.4 Somos poucos, mas nossa mensagem é grandiosa e importante. Nossa terra necessita urgentemente de amor. Nosso amor é uma mensagem ao muçulmano e ao judeu, bem como ao mundo.

5.4.1 Nossa mensagem aos muçulmanos é uma mensagem de amor e coexistência e um convite a rejeitar o fanatismo e o extremismo. É também uma mensagem ao mundo de que os muçulmanos não devem ser estereotipados como inimigos, nem caricaturados como terroristas. Em vez disso, devemos conviver em paz e envolvê-los no diálogo.

5.4.2 Nossa mensagem aos judeus é: embora tenhamos nos enfrentado no passado recente e continuemos assim até hoje, somos capazes de amar e viver juntos. Podemos organizar nossa vida política, com toda a sua complexidade, de acordo com a lógica e o poder do amor, depois de acabar com a ocupação e estabelecer a justiça.

5.4.3 A mensagem de fé diz a qualquer um engajado na atividade política: o ser humano não foi feito para o ódio. Não é permitido odiar, nem é permitido matar ou ser morto. A cultura do amor é a cultura da aceitação mútua. Através dela nos aperfeiçoamos e lançamos as bases da sociedade.

6. Mensagem às Igrejas do mundo

6.1 Nossa mensagem às Igrejas do mundo é, em primeiro lugar, de gratidão pela solidariedade que têm nos mostrado por meio de palavra, ação e presença entre nós. É uma palavra de apreciação às muitas Igrejas e cristãos que apoiam o direito do povo palestino à autodeterminação. É uma mensagem de solidariedade com os cristãos e igrejas que têm sofrido por defenderem a lei e a justiça.

Entretanto, é também um chamado ao arrependimento; a rever posições teológicas fundamentalistas que apoiam opções políticas injustas para com o povo palestino. É um convite a permanecer ao lado do oprimido e preservar a Palavra de Deus como boas novas, em vez de fazer dela uma arma para abater o oprimido. A Palavra de Deus é de amor por toda sua criação. Deus não é aliado de uma parte contra a outra, nem o oponente de um lado contra o outro. Deus é o Senhor de todos e ama a todos, exigindo justiça e dando-nos os mesmos mandamentos. Pedimos às nossas Igrejas-irmãs que não ofereçam uma maquiagem teológica para a injustiça que sofremos, para o pecado da ocupação. Nossa pergunta hoje aos irmãos e irmãs nas Igrejas é: Vocês podem nos ajudar a conseguir de volta nossa liberdade? Pois é só assim que vocês podem ajudar dois povos a alcançar justiça, paz, segurança e amor.

6.2 A fim de compreender nossa realidade, dizemos às Igrejas: venham e vejam. Nosso papel consiste em fazê-los conhecer a verdade e acolhê-los como peregrinos que vêm para orar e cumprir uma missão de paz, amor e reconciliação. Vocês conhecerão os fatos e o povo desta terra, tanto palestinos como israelenses.

6.3 Condenamos todas as formas de racismo, seja religioso ou étnico, incluindo o antissemitismo e a islamofobia. Convocamos vocês a condenar o racismo e a se opor a todas as suas manifestações. Ao mesmo tempo, os convocamos a dizer a verdade e a defendê-la no que diz respeito à ocupação israelense. Como já foi dito, vemos o boicote e o desinvestimento como ferramentas não-violentas em favor da justiça, da paz e da segurança para todos.

7. Mensagem à comunidade internacional

Nossa mensagem à comunidade internacional é pelo fim de "dois pesos e duas medidas", e pela insistência na aplicação das resoluções internacionais que tratam do problema palestino. A aplicação da lei internacional de forma seletiva pode nos deixar à mercê da lei do mais forte. Essa atitude legitima o protesto feito por certos grupos armados e afirma que a comunidade

internacional só compreende a lógica da força. Portanto, pedimos uma resposta às propostas já mencionadas, feitas por instituições civis e religiosas: a formação de um sistema de sanções econômicas e boicote a ser aplicado a Israel. Reiteramos que não se trata de vingança, mas de uma ação séria com o fim de alcançar a paz justa e definitiva que porá termo à ocupação israelense dos territórios palestinos e outros territórios árabes, e que garantirá segurança e paz para todos.

8. Líderes religiosos judeus e muçulmanos

Finalmente, dirigimos nosso apelo aos líderes religiosos e espirituais judeus e muçulmanos, com os quais compartilhamos a mesma visão de que todo ser humano é criado por Deus e dotado da mesma dignidade. Vem daí nossa obrigação de defender o oprimido e a dignidade que lhe foi conferida por Deus. Vamos juntos ultrapassar as posições políticas que só têm fracassado até agora e que continuam nos levando por caminhos de fracasso e sofrimento.

9. Mensagem ao povo palestino e israelense

9.1 Este é um convite para ver a imagem de Deus em cada uma de suas criaturas. É um convite para superar as barreiras do medo ou da raça, a fim de estabelecer um diálogo construtivo, saindo do ciclo de infimas manobras que só visam manter a situação tal como está. Nosso apelo é para chegarmos a uma visão comum, edificada na igualdade e no compartilhar, não em superioridade, negação do outro ou agressão, sob o pretexto do medo e da segurança. Dizemos que o amor é possível, que a confiança mútua é possível. Sendo assim, a paz é possível, e a reconciliação definitiva também. Então, se alcançará justiça e segurança para todos.

9.2 Educar é importante. Programas educacionais podem nos ajudar a conhecer o outro tal como ele é, em vez de vê-lo pelo prisma do conflito, da hostilidade e do fanatismo religioso. Programas educacionais atualmente em vigor estão infectados pela hostilidade. Chegou a hora de começar uma nova educação que permita ver a imagem de Deus no próximo e que declare que somos capazes de amar uns aos outros, construindo juntos nosso futuro em paz e segurança.

9.3 Tentar fazer do estado um estado religioso, judaico ou islâmico, o sufoca e o deixa confinado a fronteiras limitadas. Ele se transforma em um estado que pratica a discriminação e a exclusão, preferindo um cidadão em detrimento do outro. Apelamos tanto a judeus como a muçulmanos: deixe o estado ser um estado para todos os seus cidadãos, com uma visão baseada no respeito pela religião, mas também pela igualdade, justiça, liberdade, respeito pelo pluralismo e não na dominação de uma religião ou de uma maioria numérica.

9.4 Aos líderes da Palestina, dizemos que as atuais divisões nos enfraquecem e causam mais sofrimento. Não há o que justifique essas divisões. Pelo bem do povo, que deve valer mais do que partidos políticos, a divisão deve terminar. Apelamos à comunidade internacional que dê seu apoio a esta união e que respeite a vontade do povo palestino, livremente expressada.

9.5 Jerusalém é a base de nossa visão e de toda a nossa vida. Ela é a cidade a quem Deus deu particular importância na história da humanidade. Todos os povos se dirigem a ela — e lá se

encontrarão em amizade e amor na presença do Deus único, segundo a visão do profeta Isaías: *“Nos últimos dias acontecerá que o monte da Casa do Senhor será estabelecido no cimo dos montes e se elevará sobre os outeiros, e para ele afluirão todos os povos. (...) Ele julgará entre os povos e corrigirá muitas nações; estas converterão as suas espadas em relhas de arados e suas lanças em podadeiras; uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra”* (Is 2.2, 4). Hoje, a cidade é habitada por dois povos diferentes de três religiões distintas. Qualquer solução política deve ser baseada nessa visão profética e nas resoluções internacionais concernentes à totalidade de Jerusalém. Essa é a primeira questão que deve ser negociada, uma vez que o reconhecimento da santidade de Jerusalém e sua mensagem será fonte de inspiração para que se encontre a resposta de todo o problema. E o problema é, em geral, de confiança mútua e habilidade de estabelecer uma nova terra na terra de Deus.

10. Esperança e fé em Deus

Na ausência de toda esperança, clamamos por esperança. Cremos em Deus, bom e justo. Cremos que a bondade de Deus finalmente triunfará sobre o mal do ódio e da morte que ainda persistem em nossa terra. Veremos aqui “uma nova terra” e “um novo ser humano”, capaz de se levantar no espírito de amor pelos seus irmãos e irmãs.